

## Capítulo 2

### A Linguagem: entendendo os fundamentos de pesquisa

“Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as”.

Bakhtin (2004:98)

Este capítulo fundamenta os pressupostos teóricos que embasaram esse estudo. Nele privilegiamos conceitos de três pensadores: Mikhail Bakhtin (2003; 2004), Lev Vygotsky (2001; 2003) e Ludwig Wittgenstein (1958). Eles são fundamentais no que tange o próprio estudo e nossa orientação sobre o que é linguagem.

Começamos definindo os seguintes conceitos: palavra, enunciado, proposição e enunciação, segundo Bakhtin (2004), Vygotsky (2001; 2003) e Wittgenstein (1958), a fim de evitar o “enfeitiçamento” (Wittgenstein, 1958) pelas palavras ao longo não só desse capítulo, bem como no decorrer da investigação.

Para Vygotsky (2001), o termo palavra se refere à expressão unidade do pensamento e da linguagem. Ele não dissocia pensamento de linguagem, visto que a função dela, no entender do autor, é tanto comunicativa quanto intelectual. São duas faces da mesma moeda. Para Wittgenstein (1958), o termo utilizado mais freqüentemente é proposição, que marca a diferença entre esse conceito e o termo palavra. Enquanto uma proposição é a descrição de algo, a palavra apenas nomeia alguma coisa. Segundo o autor (1958:24),

“...se é uma palavra ou uma proposição depende da situação na qual ela é proferida ou escrita. Por exemplo, se A tem que descrever um conjunto de quadrados coloridos para B e ele usa a palavra ‘R’ sozinha, nós poderemos dizer que a palavra é uma descrição – uma proposição. Mas se ele está memorizando as palavras e seus significados ou se ele está ensinando ostensivamente [estas palavras], nós não poderemos dizer que são proposições. Nessa situação, a palavra ‘R’, por exemplo, não é uma descrição; ela nomeia um elemento...”<sup>2</sup>

Isto é, a proposição faz parte do que o próprio Wittgenstein (1958) chamou de jogos da linguagem. A proposição é uma hipótese da realidade, uma forma

---

<sup>2</sup> Tradução livre de minha responsabilidade, bem como todas as outras traduções apresentadas nesta dissertação. “But whether it is a word or a proposition depends on the situation in which it is uttered or written. For instance, if A has to describe complexes of coloured squares to B and he uses the word ‘R’ alone, we shall be able to say that the word is a description – a proposition. But if he is memorizing the words and their meanings, or if he is teaching someone else the use of the words and uttering them in the course of ostensive teaching, we shall not say that they are propositions. In this situation the word ‘R’, for instance, is not a description; it names an element ...”

instável de representação que pode ser constantemente reformulada dependendo da situação de uso. Já Bakhtin (2004:14) preocupa-se com enunciados. O que define algo como enunciado é, segundo o autor, a intenção e a realização dessa intenção. Para ele, o enunciado é a união entre contexto e enunciação. O contexto entendido como o momento histórico, social e cultural; e a enunciação como a forma lingüística, o meio pelo qual o enunciado se realiza (cf. Bakhtin, 2004). A atenção do autor é, então, voltada para a corrente da comunicação verbal, para a prática viva da língua, pois, segundo Bakhtin (2004:95),

“[n]a realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”.

A palavra ou o enunciado, nos termos bakhtinianos, será sempre determinado pelo uso, pelas interações que estabelecer com outros enunciados e com os sujeitos dessas interações (cf. Bakhtin, 2003), pois a forma lingüística não é o signo em si, ou seja, não é sinal. O que torna a forma lingüística um signo é “a orientação que é conferida à palavra por um contexto e por uma situação precisos” (Brait, 1997:110).

Após definir os conceitos palavra, enunciação, enunciado e proposição, podemos iniciar a fundamentação dos pressupostos teóricos.

## **2.1 Visão de linguagem**

Entender o homem como um ser sócio-historicamente construído implica no reconhecimento de sua trajetória, de seu caminhar. É preciso olhar para trás para tentarmos compreender quem é esse homem hoje. Do mesmo modo, acreditamos que para compreendermos o que é linguagem hoje, devemos traçar uma breve história da linguagem; isto é, desvelar como ela era vista e concebida nos dias pré-Bakhtin e pré-Wittgenstein. O objetivo é estabelecer uma comparação entre o pensamento Saussuriano (2002) e o de Bakhtin (2003; 2004), Wittgenstein (1958) e Vygotsky (2001; 2003). Para tal, compilamos uma Tabela a partir de duas outras apresentadas no curso ‘Ensinar aprendendo: discurso e construção do

conhecimento<sup>3</sup> e a complementamos. A partir dela, iniciaremos o processo de ‘reconstrução’ e discussão das diferentes visões de linguagem.

**Tabela 1: Visão de Linguagem segundo Saussure, Bakhtin, Wittgenstein e Vygotsky**

	Linguagem	Filosofia da Linguagem		Pedagogia
	Saussure	Bakhtin	Wittgenstein	Vygotsky
<b>Se a língua é ...</b>	sistema estável, imutável submetido a normas lingüísticas; unidade da linguagem	fenômeno essencialmente mutável, social, processo da interação verbal	sistema de atos simbólicos	simbólica
<b>Se ela privilegia...</b>	enunciação monológica isolada	relações sociais entre sujeitos	relações entre o pensamento e a palavra dentro de um contexto	as relações mediadas entre os homens e o mundo
<b>Se a realidade de estudo é...</b>	sistema abstrato de formas lingüísticas	interação verbal	jogos de linguagem	cultura
<b>Se o lugar do indivíduo é ...</b>	residual da fala	inscrito no social	inscrito no social	inscrito no social
<b>Se a ligação entre os elementos lingüísticos é vista como...</b>	não ideológica	ideológica, social	armadilhas da linguagem, social e cognitiva	cultural
<b>Então, a linguagem é...</b>	reprodução do sistema lingüístico.	diálogo.	jogo.	Mediadora, formadora e conversora das relações sociais em funções mentais.

A primeira consideração a ser feita sobre os estudos de Saussure (2002) é a dicotomia entre língua e linguagem. A divisão proposta visava delimitar o objeto de estudo da Lingüística, uma preocupação de Saussure (2002:13). A língua, para ele, era algo que podíamos ‘localizar’ dentro do âmbito onde uma imagem auditiva (significante) aparecia relacionada a um conceito (significado). A linguagem não interessava a Saussure. A linguagem era algo multiforme e se desviava de regras, pois “não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos” (Saussure, 2002:17).

Por motivos epistemológicos, os estudos de Saussure concentraram-se sobre a língua (*langue*) entendida como um sistema abstrato de regras – a metáfora do

<sup>3</sup> Curso oferecido pela profa. Myriam Nunes, no segundo semestre de 2005, no programa de pós-graduação em Lingüística Aplicada, do Departamento de Letras da UFRJ.

jogo de xadrez - onde “todos os indivíduos reproduzir[ão] os mesmos signos unidos aos mesmos significados” (Saussure,2002:21). Em outras palavras, para dar à Lingüística a cientificidade buscada pelo positivismo, Saussure desvinculou a palavra do contexto, da situação de uso.

Priorizar essa visão de língua não dá conta de situações corriqueiras com as quais sempre nos deparamos. Por exemplo, tanto Wittgenstein (1958), quanto Bakhtin (2004) ressaltam o quanto é fundamental a observação do contexto – jogos de linguagem/contextos possíveis – para haver entendimento dos enunciados do discurso. Bakhtin (2004) advoga que a língua é um fenômeno inserido no âmbito social e, portanto, trata das relações sociais, ou melhor, das interações do homem com o mundo que o cerca. Sendo assim, a linguagem é dialógica por natureza visto que toda enunciação é resposta a outras enunciações – passadas e futuras. Wittgenstein (1958) foi além, dizendo que a língua é ação, devendo ocorrer dentro da esfera social, já que é essencialmente performativa. Vygotsky (2001; 2003) compartilha com a idéia de Bakhtin (2004) de que a palavra não resulta da ação de um único indivíduo. Ela nasce da interação de, pelo menos, dois indivíduos. A palavra é fruto dessa interação que dá nova forma à própria situação de uso, conferindo o ar de novidade naquilo que é produzido. Para entendermos melhor essas idéias, observemos o exemplo dado por Chiavegatto (2002:134) sobre a polissemia do verbo *dar*:

“1.a) ‘O menino *deu* a bola a seu amigo’. Neste caso, o verbo *dar* tem, como sentido básico, a noção de transferência de posse (de um objeto) de um sujeito para outro;

Já em construções como

2.b) ‘A janela *dá* para o mar’, o verbo *dar* é empregado no sentido de ‘estar voltado para’, uso em que a noção de transferência de posse se refaz.

Já em enunciados do tipo

3.c) ‘A CPI do Judiciário não *deu* em nada...[...]*vai dar*, como de costume, em pizza’, o que se observa é o desaparecimento da idéia de transferência de posse para uma vaga idéia de resultado”.

A visão de língua proposta por Saussure não dá conta desses fenômenos. Se o signo é uma correspondência arbitrária entre significante e significado, como explicar a multiplicidade de significados? Para deles dar conta, não podemos dissociar a linguagem de seu uso. Não podemos encarar seu estudo a partir de enunciações isoladas ou independente de quem fala, de quem ouve, ou do

contexto de fala. Por isso que para Bakhtin (2004:113) “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação”. Podemos avançar e dizer que o contexto não só estrutura a enunciação como também lhe impõe, de certa forma, uma “moldura interpretativa”. Só assim podemos reconhecer e entender a diferença dos usos do verbo *dar*, como no exemplo de Chiavegatto (2002).

Portanto, na visão de Bakhtin (2003; 2004) o enunciado é social e, tal como o ser humano, é sócio-historicamente construído. É a “ponte entre mim e o outro”; é determinado por mim e pelo outro na interação, se tornando produto dessa interação. Se assim o é, pesquisas dentro das Ciências Humanas só adquirem validade se investigarmos o homem em interação. Segundo os textos que produz “[a]s ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade, e não de uma coisa muda ou fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria textos (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independente deste, já não se trata de ciências humanas (anatomia e fisiologia do homem, etc.)” (Bakhtin, 2003:312). Ou seja, quem fala e para quem se fala são questões a serem consideradas nos estudos da linguagem:

“...o essencial na tarefa de descodificação<sup>4</sup> não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto correto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular...trata-se de perceber seu caráter de novidade e não somente sua conformidade à norma” (Bakhtin, 2004:93).

A partir de Bakhtin (que ecoa nas vozes de Vygotsky e Wittgenstein), surge à questão do papel do outro e no nosso entendimento, do que é linguagem enquanto diálogo.

Em *Investigações Filosóficas* (1958; parágrafo 111), Wittgenstein aponta para a importância da linguagem ao delimitar o escopo da filosofia:

“Os problemas que surgem pela má interpretação de nossas formas de linguagem possuem um caráter profundo. Eles são inquietações profundas; suas raízes estão tão profundas em nós quanto as formas de nossa

---

<sup>4</sup> O termo descodificação é usado por Bakhtin, no nosso entender, como compreensão. Não devemos confundir com a identificação de sinais.

linguagem e sua significância é tão grande quanto a importância de nossa linguagem”<sup>5</sup>.

E, qual é a relevância disso para este estudo?

O que Wittgenstein (1958:47) diz é que nossa essência é verbal. O homem é linguagem. Portanto, ao nos perguntarmos ‘como os professores entendem o processo de leitura nos dias de hoje’, nada mais lógico do que procurar a resposta no discurso desses professores. Entretanto, não estamos falando de uma linguagem individual. Aliás, é o próprio Wittgenstein quem fala das regras e dos acordos (jogos de linguagem) que devemos seguir ao nos engajarmos em nossas práticas sociais. Acordos não individuais. Regras públicas que se estabelecem pelo contexto de uso entre os sujeitos da interação, do jogo. Essas regras são acordadas socialmente não existindo um significado a priori do uso. O uso das palavras e as regras nos jogos de linguagem determinam o significado. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis. Como demonstrado no exemplo de Chiavegatto (2002), a palavra é uma em sua forma, mas múltipla em seu significado.

O conceito de jogos da linguagem de Wittgenstein também marca o papel do outro visto que sem o outro não há como se acertar e combinar as regras do jogo. Detemo-nos, brevemente nesse ponto, para explicitar o que são as regras em Wittgenstein. Grayling (1996:86) diz que, para Wittgenstein, as regras são “naturalmente e intencionalmente aliadas aos jogos de linguagem”<sup>6</sup>. No parágrafo 205, de *Investigações Filosóficas* (1958), Wittgenstein afirma que “seguir uma regra é análogo a obedecer a uma ordem. Nós somos treinados para fazer isso; nós reagimos a uma ordem de um modo particular”<sup>7</sup>. O treinamento ao qual ele se refere é a vivência em diversas práticas sociais, a participação do homem nos diversos jogos da linguagem.

A importância do contexto também pode ser observada em Bakhtin (2004:106) quando ele diz que “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto”. Assim como para Bakhtin (2004), para Wittgenstein as leis da língua são leis sociais. Para ele, o significado não se encontra na relação direta

---

<sup>5</sup> “The problems arising through a misinterpretation of our forms of language have the character of depth. They are deep disquietudes; their roots are as deep in us as the forms of our language and their significance is as great as the importance of our language.”

<sup>6</sup> “naturally and intentionally allied to that of ‘games’.”

entre a palavra e as coisas as quais elas nomeiam<sup>8</sup>. Muito pelo contrário. O significado das palavras está no uso. O significado está relacionado a todas as atividades do homem (jogos de linguagem<sup>9</sup>) – o trabalho, relacionamento com o outro e com o mundo.

Em *Construção do Pensamento e da Linguagem*, Vygotsky (2001:486) parece concordar com o entendimento de Bakhtin (2004) e Wittgenstein (1958):

“Na consciência a palavra é precisamente aquilo que (...) é absolutamente impossível para um homem e possível para dois. Ela é a expressão mais direta da consciência histórica do homem”.

A palavra só é palavra (significado) quando ela tem efeito sobre mim e o outro; ou seja, quando interagimos seguindo as regras acordadas entre nós. Portanto, o outro e as regras interacionais são fundamentais também para Vygotsky. E, a palavra (linguagem) é o sistema simbólico mais poderoso usado pelo homem para mediar suas relações no mundo, visto que nós não temos relações diretas (não mediadas) com a realidade; “vivemos, de fato, num mundo de linguagens, signos e significações” (Faraco, 2003:48). Ou seja, “a linguagem deve ser vista (...) como o modo por excelência de agirmos no mundo, isto é, de interagirmos socialmente em uma comunidade. Ela é constitutiva tanto da realidade, enquanto estabelece o horizonte da possibilidade de nossa atuação no real, quanto de nossa compreensão dos contextos sociais de que participamos” (Marcondes, 2000:38). Esse é o entendimento que adotamos nesta dissertação.

## 2.2 A linguagem e a mente

A relação entre a linguagem e a mente povoa os estudos filosóficos e lingüísticos e não nos parece haver consenso sobre que tipo de relação é essa. Para podermos delinear como vemos essa relação, primeiro ilustraremos as diferentes visões sobre ‘mente’, apoiando-nos no trabalho de Jerome Bruner (1997) sobre a cultura da educação.

---

<sup>7</sup> “Following a rule is analogous to obeying an order. We are trained to do so; we react to an order in a particular way.”

<sup>8</sup> Idéia encontrada no *Tractatus*.

<sup>9</sup> Language-games

Em seu livro, Bruner (1997) traça o perfil de quatro modelos de mente distintos, nomeados por Nunes (2000) como imitação, instrução, descoberta e colaboração.

A visão de mente como imitação pressupõe que os seres humanos possuem a capacidade de imitar de forma não criativa. Para realizar uma determinada tarefa, o homem precisa ser ensinado. Alguém deve mostrar como se faz aquela tarefa. Cabe ao outro imitar as ações. Implicitamente, jaz a idéia de que diante de um problema, o homem não será capaz nem de criar soluções e nem de administrar conhecimentos que já possui para solucionar o problema. A ênfase está no saber-fazer (“know-how”).

Outra visão apresentada por Bruner (1997) é a de que a mente humana é um recipiente vazio. A função da mente é memorizar conceitos, fatos, regras, teorias. Essa idéia se baseia na premissa de que sabendo as regras, fatos, teorias, o homem será capaz de aplicá-las quando necessário. O conhecimento depositado na mente do homem (o receptáculo) tem valor cumulativo. Parece não haver acomodação do que já era sabido com o conhecimento novo. Além do mais, essa visão implica na passividade da aprendizagem visto que ao homem só cabe receber informações de outro homem e memorizá-la. Não há diálogo, nem construção de conhecimento.

O terceiro tipo de visão apresentado é o da mente como capaz de pensar, de descobrir. Isto é, enxergar o homem como ser pensante. Não mais um ser ignorante ou um mero recipiente vazio. Mas um indivíduo com crenças e idéias. Agora, o homem é capaz de pensar sobre o próprio pensar. Com a ajuda do outro – que é também um ser pensante – através do diálogo, da reflexão, pode construir estruturas de referência compartilhadas. Através da troca com o outro, o homem reflete sobre suas crenças, pondera e daí surge o conhecimento (“crença justificada”).

O quarto modelo vê a mente humana como sendo capaz de administrar os conhecimentos adquiridos. Em outras palavras, diante de uma situação qualquer, o homem é capaz de buscar alternativas, soluções, administrando o conhecimento que já possui. Porém, essa nova forma de agir, de pensar, se torna, também, um novo conhecimento no sentido de que ele é reelaborado, revisado. Como diz Bruner (2001:65): “o conhecimento nesta visão, é sempre, supostamente, passível

de ser revisado”. É, neste sentido, que podemos falar de construção de conhecimento.

Essas visões de mente apresentadas por Bruner (1997) serão revisitadas ao longo da análise e discussão dos dados e uma vez que já as expomos, podemos tratar da relação entre linguagem, conhecimento e mente.

Segundo Freitas (1995:130) “se a atividade mental tem um sentido, se ela pode ser compreendida, deve ser analisada por intermédio de um signo real e tangível. A atividade mental é expressa exteriormente (palavra, mímica ou outro meio) e internamente para o próprio indivíduo (discurso interior) sob a forma de signos”. A linguagem é o elemento que facilita a ordenação do conhecimento adquirido no meio social na mente do indivíduo. Em *A Construção do Pensamento e da Linguagem* (2001), Vygotsky primeiro afirma que a relação entre pensamento e linguagem não nos revela uma raiz genética, mas sim, uma raiz social. Ela é um produto do desenvolvimento sócio-histórico do homem. Ou seja, a relação se desenvolve, se constrói no mundo no uso da linguagem. Segundo, postula que o significado da palavra é reflexo da linguagem e do pensamento. A palavra é o portal para se investigar a linguagem e o pensamento. Por isso escolhemos a colocação lexical como unidade de análise. Essa escolha foi feita a partir do entendimento de que “o significado da palavra é, ao mesmo tempo, um fenômeno do discurso e intelectual” (Vygotsky, 2001:398). O significado de qualquer palavra é, também, uma atividade do intelecto e sendo assim nos serve de auxílio para desvendarmos o que, segundo Wittgenstein (1958), *parece não estar aparente num primeiro olhar menos atento*<sup>10</sup>. A palavra não pode ser entendida como realidade física – pois ela é recorrente e imutável. Devemos inseri-la no âmbito social para que se torne linguagem e, portanto, foco de nossas investigações e pista para estruturas invisíveis, como é o caso do Sistema de Crenças, nosso objeto de pesquisa.

---

<sup>10</sup> Ênfase dada para ressaltar nossa concordância com a idéia de Wittgenstein de que a essência da linguagem é algo que já está exposto, visível para nós (cf. *Investigações Filosóficas*, 1958, parágrafo 92).

### **2.3 Resumo**

Esse capítulo estabeleceu os pressupostos teóricos que evidenciam nossa visão de linguagem, bem como a relação entre ela e o pensamento. No nosso entendimento, a relação entre linguagem e pensamento surge e se constitui no processo de interação entre sujeitos sócio-históricamente situados. O pensamento se realiza na palavra e a palavra organiza os movimentos do pensamento (cf. Vygotsky, 2001) de modo contínuo e indissociável. Para nós, a linguagem possibilita a nossa inserção no mundo e a compreensão dele.